



Brincar é coisa séria

Profa. Dra. Cecília Warschauer

Texto originalmente publicado no Jornal da PUC - SP, 1ª quinzena Maio de 2004, como resenha do livro *Brinquedos e Brincadeiras – formando ludoeducadores*, Editora Articulação Universidade/Escola

Todas as atividades humanas, incluindo as leis, as ciências, a arte e a linguagem, podem ser vistas como o resultado de um jogo. O historiador Joan Huizinga (1872-1945), em seu *Homo ludens*, mostra que o jogo é um traço essencial das sociedades humanas, talvez o mais importante. Se a fala existe é porque alguém, há muito tempo, resolveu brincar com sons e significados. Para filosofar, jogamos com conceitos; para criar tecnologia, jogamos com a imaginação. A cultura possui um caráter lúdico, porque o homem é um ser que brinca. E o faz desde a tenra infância.

Antigamente, a rua era um espaço possível para o encontro e o brincar; local onde se aprendia com os mais velhos, exercitava-se a liberdade e a criatividade, o ganhar e o perder e a construção de regras. Atualmente, sobretudo nos grandes centros urbanos, o brincar é cada vez mais solitário e substituído pela passividade da televisão. Com a progressiva valorização do trabalho e da produção, o brincar para a criança e o lazer para o adulto são, freqüentemente, interpretados como perda de tempo e sinal de preguiça. A escola, pretendendo “ganhar tempo”, inaugurou a alfabetização precoce, baseada na memorização, que ocasiona um prejuízo ao desenvolvimento das crianças.

Perder a capacidade de brincar e de ter prazer é, de certa forma, perder parte de nossa humanidade. O humor, mobilizado freqüentemente nas situações lúdicas, é uma virtude. O filósofo Comte-Sponville, em seu *Pequeno tratado das grandes virtudes*, mostra que o humor conduz à humildade, é reflexivo e trabalha com a cura e a generosidade, promove a coragem e liberta. Uma virtude desenvolvida desde a infância, quando se tem a oportunidade. É preciso lutar por novos espaços para o jogo e a alegria.

É esta a luta de Maria Ângela Barbato Carneiro. Seu livro *Brinquedos e brincadeiras – formando ludoeducadores* é resultado de quatorze anos de pesquisa na área do brincar. Nele, Maria Ângela sintetiza seus achados e faz propostas. Inicialmente, ao explicitar a importância da atividade lúdica, e não só na infância, Maria Ângela apresenta alguns jogos criados por povos antigos e indígenas, revela sua origem e mostra que sua prática envolvia toda a comunidade. Recheado com ilustrações, podemos identificar alguns nossos conhecidos, como o jogo de trilha, a bola de gude e o xadrez.

A seguir, a autora analisa a polissemia do termo, mostrando divergências e aproximações entre vários autores. Um dos interessantes pontos de concordância é que,



apesar do jogo ser uma ação organizada em regras, dentro de limites de espaço e tempo, ele envolve o questionamento e é feito de antagonismos, tais como regra e liberdade, fantasia e imitação, seriedade e não seriedade, o que pode ajudar a criança, e o adulto, a lidar com outros tipos de antagonismos, presentes na vida.

Alguns estudos, apontados pela autora, destacam a dupla utilidade da brincadeira: por um lado, o desenvolvimento da inteligência, a construção da individualidade e da autonomia; de outro, a compreensão e a inserção do sujeito na cultura de seu tempo.

Fazendo uma relação entre o jogo da criança e o trabalho do adulto, a autora propõe que a criança que não brinca pode ter dificuldades, na afirmação de sua personalidade e em sua vida profissional, pois o jogo é, também, uma tarefa a cumprir, exige esforço, a superação de barreiras, frequentemente também cansa, mas desafia e encanta.

Ainda com um olhar histórico, a autora mostra a evolução das idéias sobre a infância, identificando os jogos que a acompanharam no decorrer dos tempos e a maneira como o universo infantil foi visto e retratado na pintura. É sobretudo a partir das idéias revolucionárias de Rousseau (1712-1778) que a criança passa a ser considerada com características próprias, e não como um adulto pequeno, devendo ser respeitada na especificidade de seu desenvolvimento.

Ao avançar com a análise das contribuições de diferentes educadores, médicos e psicólogos, Maria Ângela mostra como vem crescendo a consciência social sobre o significado da infância, ainda mais forte no exterior, mas com algumas conquistas no Brasil, marcadas pela Declaração dos Direitos da Criança, na década de 1950, a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, seguida pelo Referencial Curricular de Educação Infantil, de 1999.

Entretanto, se muitos avanços foram feitos em termos de legislação, ainda faltam ações concretas para garantir à criança o direito ao brincar, oferecendo mais condições para se desenvolverem plenamente. Uma das carências nessa área é a formação de profissionais do brincar, os ludoeducadores, tema do último capítulo do livro e bandeira de luta da autora.

Brinquedos e brincadeiras é um livro pertinente. Além de levantar a questão do lazer e do seu espaço na sociedade moderna, defende o jogo que, por suas características, prepara a criança, e o adulto, a lidar com antagonismos, base da complexidade de nossa realidade, tão discutida atualmente, na esteira do filósofo Edgar Morin. Alguns dos problemas tão sérios que enfrentamos poderiam ganhar soluções se jogássemos mais: formando parcerias, aprendendo a conviver, a tolerar, suportar frustrações e usar a imaginação.